

FILOSOFIA E FILOSOFAR NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO: NECESSIDADE DE SEU ENSINO E DE SUA APRENDIZAGEM.

PHILOSOPHY AND PHILOSOPHIZE IN THE INITIAL TRAINING OF EDUCATION PROFESSIONALS: THE NEED FOR ITS TEACHING AND LEARNING.

Marco Antonio Lorieri¹

RESUMO

O texto traz uma reflexão que busca reforçar a necessidade, não poucas vezes apontada, da presença de alguma formação filosófica na formação inicial e continuada de educadoras/es da Educação Escolar Básica, aliada, esta reflexão, à preocupação com um fato que está a ocorrer que é a diminuição e até extinção do componente curricular Filosofia da Educação nas Licenciaturas e de modo especial na Licenciatura em Pedagogia. Alguns argumentos são apontados relativos a esta necessidade acrescidos de convite para que este tema seja objeto da necessária consideração por parte de todos que se sintam responsáveis pela educação das novas gerações e, por decorrência, pela formação de professoras/es da Educação Básica.

Palavras-chave: Ensino de Filosofia da Educação. Necessidade da Filosofia da Educação na formação de Educadoras/es. Necessidade de se aprender a filosofar.

ABSTRACT

The text presents a reflection that seeks to reinforce the need, often pointed out, for the presence of some philosophical training in the initial and continuing training of Basic School Education educators, combined with this reflection, the concern with a fact that is occurring, which is the reduction and even extinction of the curricular component Philosophy of Education in Undergraduate Degrees and especially in the Undergraduate Degree in Pedagogy. Some arguments are pointed out regarding this need, added to the invitation for this theme to be the object of the necessary consideration by all who feel responsible for the

¹ possui graduação em Filosofia pela Universidade de São Paulo (1968), Mestrado em Educação (Filosofia da Educação) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1982) e Doutorado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1996). Foi professor associado na PUCSP de 1974 a 2006. Atualmente é professor titular no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Nove de Julho. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Fundamentos da Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: educação, filosofia, educação para o pensar, filosofia da educação e ensino de filosofia.

education of the new generations and, consequently, for the training of Basic Education teachers.

Keywords: Teaching Philosophy of Education. Need for Philosophy of Education in the training of Educators. The need to learn to philosophize.

INTRODUÇÃO

Há uma preocupação que permeia este texto: a diminuição da presença da disciplina Filosofia da Educação ou, em não poucos casos, da sua exclusão nos currículos dos cursos de formação inicial dos profissionais da educação. Trata-se dos cursos de Pedagogia e das demais Licenciaturas que oferecem uma formação inicial para quem irá atuar na Educação Infantil, no Ensino Fundamental e no Ensino Médio (na denominada Educação Básica).

Estes profissionais são responsáveis pela parte importante da formação de milhões de crianças e jovens que é oferecida na Educação Básica. São 47,3 milhões de estudantes, segundo dados do Censo Escolar 2023, o que corresponde a um pouco mais de 22,5% da população do Brasil neste mesmo ano. Estes 47.300.000 estudantes serão os adultos daqui a 10, 20 ou 30 anos. Como desejamos que eles sejam?

Quem participa de sua educação deve ter em vista algum tipo de ser humano que deseja para o futuro do Planeta e para as pessoas que nele habitarão (nossos filhos, netos, bisnetos e...). Pode-se pensar que uma boa resposta seja a que afirma que almejamos seres humanos bons, honestos, justos, responsáveis, solidários, respeitosos uns dos outros, capazes de convivência pacífica etc., além de serem dotados de lucidez e de conhecimentos básicos que os ajudem na boa condução de suas vidas e na sua participação ativa na sociedade. Nos dias atuais desejamos que sejam pessoas que ajudem a cuidar do meio ambiente natural e que saibam bem utilizar os recursos tecnológicos das redes sociais e não se deixar levar pelas armadilhas aí presentes. Estas são, dentre outras, possíveis finalidades para a educação de modo geral e para esta parte importante do processo formativo das pessoas que é a educação escolar.

Todo educador e toda educadora que trabalha na educação escolar precisa ter clareza a respeito da finalidade ou das finalidades desse seu trabalho. Como ter isso? Uma resposta pode ser: pensando seriamente a respeito para chegar a alguma conclusão. Este pensar

seriamente pode ser ajudado com cursos de formação inicial e continuada destes profissionais da educação escolar nos quais alguns conteúdos de estudos lhes são oferecidos (aliados à indispensável reflexão e elaboração pessoal). Conteúdos das várias ciências, da Filosofia e de alguns saberes que auxiliam na compreensão do que seja a educação em geral e, em particular, a educação escolar. Dentre os componentes curriculares, tradicionalmente temos História da Educação, Sociologia da Educação, Psicologia da Educação, Biologia da Educação, Filosofia da Educação, além de possíveis outros. Todos com o “sobrenome” Educação. Isso indica algo. Além desses, há a Didática, as Metodologias de Ensino (dentre elas ganha destaque Metodologia da Alfabetização), Práticas de Ensino e Estágios Supervisionados, Introdução à Administração Escolar, Conhecimentos relativos à Estrutura e Organização do Sistema Escolar e outros como, no caso do Curso de Pedagogia, abordagens relativas à Educação Infantil, dentre outros saberes.

Muitos conteúdos de estudos, por certo, mas sempre necessários. Talvez se devesse separar em cursos distintos as especialidades reunidas no Curso de Pedagogia que pretende oferecer formação inicial para quem irá atuar na Educação Infantil, no Ensino Fundamental I, na Coordenação Pedagógica, na Gestão Escolar, quando não em outras áreas da Educação Formal. Um problema também a ser mais bem pensado.

Estes e outros saberes são necessários e, por isso, importantes, para uma boa formação de Educadoras e de Educadores. Aqui o foco é a necessidade/importância do estudo e da aprendizagem da Filosofia e do Filosofar.

Necessidade (daí a importância) da presença do ensino de Filosofia e do Filosofar na formação de profissionais da Educação. ²

Para que se possa indicar, de alguma maneira, a necessidade/importância da presença do ensino de Filosofia e do Filosofar na formação inicial e continuada de profissionais da Educação convém partir de algum entendimento do que seja Filosofia e de sua necessária relação com a Educação.

Pode-se entender Filosofia como um grande esforço dos seres humanos para saberem bem e profundamente de si e da realidade de que fazem parte, buscando especialmente atribuir algum sentido/significado a esta realidade e à própria existência humana. Essa busca

² Boa parte das ideias aqui apresentadas constam do livro: *Filosofia na Escola: o prazer da reflexão* de Terezinha Rios e Marcos Antônio Lorieri. Editora Moderna, 2008.

tem sido denominada de “amor” pela sabedoria. Filo-sofia: amor, bem querença (*filo*) da sabedoria (*sofia*). Da sabedoria relativa ao sentido/significado ou aos sentidos/significados de tudo, em especial da existência humana. Conforme o sentido que assumimos para a existência humana endereçamos os esforços formativos (educativos) para esta direção/sentido.

Sabedoria é mais que só conhecimento: é saber articular conhecimentos de maneira reflexiva, crítica, bem organizada, profunda e abrangente (contextualizada) na busca de sentidos ou referências significativas totalizadoras (sempre se fazendo e refazendo-se no movimento constante da história conflituosa da humanidade) nas quais as particularidades, inclusive as de cada vida humana, ganhem significação. As significações ou sentidos têm grande peso na articulação da maneira como produzimos nossas vidas e nas maneiras como educadoras e educadores buscam orientar suas práticas visando oferecer ajuda para que crianças e jovens tenham alguma boa direção para o modo como possam querer produzir suas vidas.

Este é um aspecto profundamente político pelo fato de que fazer Filosofia é buscar produzir a sabedoria que “orienta” ou, *intenciona*, as práticas humanas sempre sociais: sempre, porém, surgindo nelas e de dentro delas e para elas. As ações produzidas intencionalmente denominam-se *praxis*: práticas humanas intencionadas, isto é, carregadas de intenções, carregadas de significações, de finalidades.

Pode-se afirmar que a Filosofia é o esforço continuado da humanidade para produzir as intencionalidades ou as significações da própria existência humana e, por conseguinte, da própria realidade social na qual a existência humana se dá e, ainda, da realidade natural sempre marcada pelas práticas humanas (nem sempre de maneira boa: outro sério problema).³

Neste esforço inclui-se o esforço de análise crítica de toda produção de significações, ou seja, de análise crítica da própria produção filosófica.

A Educação aqui é pensada como uma das práticas humanas e das mais importantes: é aquela que se propõe ajudar os próprios seres humanos a se tornarem cada vez melhores

³ Ao se afirmar o esforço filosófico para produzir as intencionalidades ou as significações da própria existência humana e, por conseguinte, da própria realidade social na qual a existência humana se dá, não é afirmado ser a Filosofia a única fonte de significados. As religiões também oferecem sentidos ou significações. Cada uma a seu modo. A diferença está na forma: as religiões apresentam finalidades como dogmas. A Filosofia coloca a questão ou o problema das finalidades em debate com vistas a que as pessoas façam suas escolhas, de preferência consensuadas. Se não é assim, não se trata de Filosofia, como é entendida aqui.

peessoas. Isto inclui procurar ajudar as pessoas a estabelecerem as melhores relações possíveis com a natureza, com os demais seres humanos e consigo próprias, na construção de um modo de ser no mundo que a todos faça bem, assim como ao próprio mundo. A busca é sempre pelo bem e pelo fazer bem. E, aqui, outra grande questão/problema filosófico: o que é o bem? A se pensar.

A prática educativa é realizada por todos nós, o tempo todo, nas interações de todos com todos, intencionalmente ou não. A educação escolar ocorre de maneira planejada, intencionada, organizada ou sistematizada e, como tal, tem uma longa e importante história que merece sempre ser estudada. Ela ocorre seguindo trilhas curriculares ou ***cursos de ação educativa***, que têm intenções explícitas: deseja-se, com estes ***currículos***, produzir certos efeitos nos alunos para que se tornem seres humanos de algum modo. A ideia básica da educação intencional (a escola é uma delas) é “influenciar” propondo ***cursos de vida*** através dos ***componentes curriculares*** que envolvem as disciplinas e todas as demais atividades que são programadas em uma escola. Daí as disputas políticas, conforme quem ocupa postos de poder, pelas direções ou “orientações” educacionais escolares. A reflexão filosófica (o filosofar) tem um papel importante no cenário dessas disputas.

Quando se quer “influenciar” propondo maneiras de ser gente, quer-se “influenciar” na maneira de funcionar a sociedade, na maneira de funcionar a *Polis*. Política deriva daí. As ações educativas são sempre ações políticas. Vejam-se, por exemplo, as ideias de Paulo Freire a respeito⁴.

Há, pode-se perceber, relações estreitas e necessárias entre Filosofia e Educação. Se fazer educação, por exemplo, é buscar “influenciar” a maneira de ser gente das pessoas, há uma pergunta fundamental a ser feita: qual é a maneira boa de as pessoas serem gente? E mais: é lícito que um ser humano busque “influenciar” outros seres humanos quanto à maneira de ser gente? Como pensar estas questões para a educação escolar? O que é mesmo gente boa? O que é uma maneira boa de ser gente? Boa para quem? Afinal, o que é mesmo gente? O que é um ser humano? Aí estão questões muito sérias que todos precisamos responder.

⁴ Especialmente as obras Educação como prática de liberdade (1975), Extensão ou Comunicação (1975), Pedagogia do oprimido (1987) e sua última obra dedicada às educadoras e aos educadores: Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa (1996).

A forma de conhecimento de que dispomos para produzir alguma resposta para essas questões é a Filosofia: é com esta forma de conhecimento, com seus métodos reflexivos, críticos, profundos e abrangentes, partindo de dados das demais formas de conhecimento, que os seres humanos têm produzido estas respostas. “Respostas” e não uma só resposta. E aí, um novo problema: qual delas é a boa resposta? Não se pode responder a isso de uma maneira simples. Nada, no campo da Filosofia, é simples.

Quando se investiga filosoficamente a partir destas questões e, em especial as relativas ao ser humano, ao que é ser gente, ao sentido da existência humana, realizam-se investigações no âmbito da **antropologia filosófica**. **Todo educador precisa fazê-las**. Afinal, o alvo (objetivos) da educação é a formação do *antropos* (do ser humano: tanto o feminino (*guiné*) quanto o masculino (*andrós*) como diziam os gregos. E hoje, como dizemos de todos seres humanos (dos *antropoi*)? Talvez dizer de todos os seres humanos com todas as diferenças de raça, de cor, de orientação sexual, de culturas e de outras, lembrando sempre existir em todas as diferenças a base fundamental que nos unifica como seres humanos aos quais é sempre devido o fundamental respeito à sua dignidade.⁵

Quando se pensa sobre o que é viver em sociedade; o que é sociedade; o que é uma sociedade boa, realizamos **reflexões** no campo da **filosofia social e política**. **Todo educador precisa fazê-las**.

Quando se pergunta sobre as implicações da ação educativa no encaminhamento do funcionamento da sociedade da qual fazemos parte, tanto no sentido de ajudá-la a se manter como está, quanto no sentido de buscar formas de modificá-la, ou mesmo revolucioná-la, realizamos **reflexões filosófico-políticas necessárias e importantes** para o encaminhamento lúcido de nossa ação educativa. **Todo educador precisa fazê-las**.

Se se afirma querer ajudar a formar seres humanos bons, ou influenciar e até lutar por uma sociedade boa e justa, é preciso ter claro o que significam as palavras “boa” e “justa”. Isto leva a novas investigações sobre o que é o bem e o justo. Este é outro campo das investigações filosóficas: o **campo da Ética**. Pessoas boas, sociedades boas e justas, são pessoas que praticam ações boas e são sociedades nas quais as ações são boas e justas. Este é o campo da investigação filosófica sobre os princípios, as referências, os critérios que podem

⁵ Com relação ao tema da igualdade e diferenças nos e dos seres humanos e sua relação com o ensino de filosofia sugiro a leitura de dois textos: **Ensino de Filosofia e diversidade** no livro “Ensino de Filosofia, Gênero e Diversidade: Pensando o Ensino de Filosofia na Escola” (2014, p. 30-51) e **Pensando igualdade e diferenças e o ensino de filosofia** no livro “As diferenças no ensino de filosofia: reflexões sobre filosofia e/da educação” (2017, p. 93-113). Vide referências.

balizar as regras que indicam quais ações podem ser chamadas de boas e justas. Quando temos um conjunto de regras relativas às ações ou às condutas, temos uma **moral**. Mas, toda moral se assenta ou se baliza em uma **Ética**, em princípios, em referências, em critérios produzidos através de uma reflexão filosófica própria deste campo. Cabe a **todo educador realizar esta reflexão** para que tenha claros os princípios a partir dos quais afirma e defende uma moral. E, também, para que possa propor esta moral aos seus educandos com argumentos sólidos e, ao mesmo tempo, possa ajudá-los na compreensão e na avaliação destes mesmos argumentos.⁶

Há, na educação e, em especial, na educação escolar, a proposta de que as pessoas tenham conhecimentos cada vez mais claros, mais bem fundamentados e mais abrangentes. Afirmar-se que a melhor forma de conhecimento é o conhecimento científico. Através da **Teoria do Conhecimento** a Filosofia investiga sobre e a partir de questões como: o que é o conhecimento? Por que os seres humanos precisam do conhecimento? Quando se pode dizer que o conhecimento é verdadeiro ou falso? Por que o conhecimento científico passou a ter tanta importância no mundo moderno? Como é produzido o conhecimento científico e em que, a metodologia científica, é diferente da metodologia das demais formas de conhecimento? Esta forma de conhecimento dispensa as outras formas de conhecimento?

É a partir dos resultados desta investigação que os educadores poderão justificar para si mesmos e para seus alunos os esforços relativos ao ensino e à aprendizagem de conhecimentos e as recomendações para que, durante a vida, as pessoas busquem ter e produzir conhecimentos os mais seguros possível. **Todo professor precisa refletir filosoficamente sobre o conhecimento.**

Discute-se sobre arte, gostamos de arte, avaliamos produções artísticas como belas ou feias, defendemos a necessidade da arte nas escolas. Por quê? Que importância tem a arte na vida das pessoas? Arte tem a ver com sensibilidade: como assim? Essas são questões investigadas pela reflexão filosófica dentro da área da **Estética**. **Todo professor precisa poder se dar a oportunidade de uma tal reflexão.**

Tudo o que diz respeito ao que o ser humano é e faz, diz respeito à educação. A reflexão filosófica dedica-se de maneira especial sobre o que é o ser humano e sobre o que

⁶ Com relação à Ética e ao ensino de filosofia pode-se ver o texto *Ética no Ensino de Filosofia: contribuições para a formação do jovem* (cap. 6 do livro *Ensinar Filosofia e a filosofar: necessidade urgente* (NEFI, 2023. Acesso livre em <http://filoeduc.org/nefiedicoes>)

faz. Os seus resultados, mesmo que não se tenha clareza disso, estão presentes nas ações humanas e, portanto, nas ações educativas. É importante, pois, que se saiba dessa presença e que seja avaliada. Veja-se o exemplo a seguir.

A realidade de hoje é marcada fortemente por uma concepção filosófica: o Liberalismo. Ela inclui, como toda concepção filosófica, uma visão de mundo (uma **ontologia**), uma visão do ser humano (uma **antropologia filosófica**), uma concepção do conhecimento (uma **teoria do conhecimento**), uma visão de sociedade e do poder dentro dela (uma **filosofia política e social**), uma concepção de bem, de justiça, de ações boas (uma **Ética**), uma **Estética**, etc. Ela se constituiu no próprio processo de constituição da sociedade capitalista, no período da modernidade, no ocidente.

Quando se fala em Liberalismo, inclui-se, neste termo, o Liberalismo Econômico, o Liberalismo Político e o Liberalismo Filosófico. Pode-se entender os dois últimos como constituindo uma concepção filosófica, no sentido apresentado acima e que está intrinsecamente ligada ao liberalismo econômico.

É uma concepção filosófica predominante na Modernidade Ocidental que impulsionou modificações nos processos socioeconômicos e, no seu interior, nos processos políticos e, é importante notar, **nos processos de pensar e compreender o mundo, o homem, a sociedade, o conhecimento, os valores tanto éticos quanto estéticos** e outros.

Modifica-se, a partir daí, a concepção filosófica predominante na época medieval que afirmava ser a realidade constituída pela realidade material (o mundo natural) e pela realidade não material ou sobrenatural. Esta última era a mais importante, nela “habitava” Deus, criador e providenciador de tudo, centro para o qual tudo devia convergir (**concepção de mundo**). Tudo deveria se voltar para o sobrenatural (**sobrenaturalismo**) e para o Teo (Deus) centro de referências (daí a expressão **Teocentrismo**). Afirmava-se que dele emanava todo o conhecimento (**teoria do conhecimento**) e as orientações para as condutas: portanto, uma moral que se baseava numa ética teológico-filosófica (**ética**). A sociedade e o poder dentro dela (**filosofia social e política**) eram explicados como um providenciamento divino, devendo seu funcionamento se subordinar ao fim maior de tudo que era o próprio Deus e a vida sobrenatural.

Com este quadro de referências, pode-se imaginar como era concebida a educação das pessoas e especialmente das crianças e dos jovens.⁷

Com as mudanças ocorridas na economia nos séculos finais da época medieval que geraram mudanças sociais e políticas, a concepção dominante começou a sofrer impactos e começa a se modificar. Começa a surgir a sociedade ocidental moderna, também conhecida como sociedade burguesa ou capitalista.

Ocorrem novas maneiras de pensar a realidade, o ser humano, o conhecimento, a ética, a estética, a sociedade, o poder e, por consequência, a educação.

Na modernidade há uma ideia que se contrapõe ao Sobrenaturalismo e ao Teocentrismo: a ideia de que o ser humano deveria “olhar com mais interesse” e “com os próprios olhos” a natureza, o mundo material porque este mundo natural é o mundo da existência humana e, com este mundo, o ser humano tem profundas ligações. Ele deve conhecê-lo melhor e em seu próprio proveito com sua própria mente, ou com sua própria razão, sem necessidade de revelações divinas. O ser humano ganha destaque e busca-se colocá-lo no centro das atenções assim como a natureza. Inicia-se um processo no qual, **no lugar do Sobrenaturalismo, tem-se o Naturalismo e, no lugar do Teocentrismo, tem-se o Antropocentrismo** ou, o Humanismo.

Provoca-se o desejo de liberdade para que as pessoas pensem por si mesmas, decidam sobre as suas vidas, libertem-se das amarras dos absolutismos e dogmatismos que as prendiam. Esta, pode-se dizer, é a base do Liberalismo Filosófico: faz eco e faz parte de todo o movimento social e político que está em curso com a ascensão da burguesia que levará a uma nova organização da economia (Liberalismo Econômico), da sociedade e, dentro dela, do sistema político (Liberalismo Político). **Obviamente, com todas estas mudanças na base da vida, mudam-se as ideias, mudam-se as concepções, mudam-se as referências.** As mentes, especialmente dos intelectuais, passam a trabalhar intensamente. Os filósofos aí estão e é aí, de dentro deste clima, que esta nova concepção filosófica surge e com ela, novos desafios.

Por exemplo: será o ser humano capaz de produzir, por ele mesmo, conhecimentos seguros? Surgem correntes de pensamento filosófico que dizem que sim e procuram mostrar como: o Racionalismo Moderno e o Empirismo, afirmando que a razão humana pode

⁷ Era, ou ainda é hoje para muitas pessoas que têm nas religiões a referência básica para tudo? Ou para quase tudo? Como escolas ditas confessionais (que “confessam” determinada crença religiosa) orientam a organização dos seus currículos e, dentro deles, de suas práticas pedagógicas?

produzir conhecimentos seguros, divergindo quanto à fonte ou à origem das ideias com as quais a razão pensa. O primeiro, com Descartes à frente, afirma que as ideias se originam na própria razão, ou lá estão de algum modo. Basta fazer funcionar a racionalidade (com um método adequado) e o conhecimento será produzido. **Isto teve e tem influências em teorias e práticas educacionais.**

O segundo, com vários pensadores à frente como Bacon e Locke, afirma que as ideias não se originam da mente ou da razão, mas sim da experiência sensorial, pois, é no contato direto com o que ocorre, ou com que está aí, que temos, após um processamento, as ideias. A partir daí a razão produz o conhecimento. **Esta maneira de pensar o conhecimento teve e tem influências nas nossas teorias e práticas educacionais.** Estas duas correntes geraram debates importantes que levaram à produção de novas teorias sobre o conhecimento.

É importante que sejam percebidas algumas consequências das ideias destes pensadores, tanto para a continuação da construção de toda a Filosofia Moderna (e, portanto, da concepção filosófica que predomina na nossa sociedade, hoje, e que influencia nossa maneira de pensar e nossa maneira de agir), quanto para a construção de nossa maneira de pensar e fazer a educação.⁸

Outro desafio era o de construir um método de produção de conhecimentos pelo próprio ser humano. Descartes escreve uma obra: *Discurso sobre o Método*. Ali ele propõe uma forma de pensar, uma forma de funcionamento da razão que a leve a produzir “ideias claras e distintas”, ou seja, um conhecimento seguro ou verdadeiro. Bacon escreve outro livro: *Novum Organum* ou, o que seria o mesmo, um novo método para produzir conhecimentos a partir da própria experiência. Esta concepção tem desdobramentos como, por exemplo no pensamento de Jean Locke. A posição que afirma que as ideias se originam na experiência (Empirismo), a indicação de que a experiência é que deve ser, por sua vez, o lugar da comprovação de nossos conhecimentos, pela experimentação, leva a humanidade ao desenvolvimento do que denominamos, hoje, de conhecimento científico e que tem um método próprio de conhecer. Próprio, seguro, mas limitado aos objetos de conhecimento que podem ser investigados com tal método.

O conhecimento científico, apesar de suas limitações, foi e tem sido produtivo de muitas descobertas que servem aos seres humanos em tantas direções: especialmente na

⁸ Dada a limitação deste texto não é possível elencar os diversos desdobramentos que ocorreram a partir daí. Não faltam fontes para o estudo deles.

direção da utilização dos recursos e “leis” da natureza. Não sem razão a humanidade se encantou com ele e com sua forma de conhecer. Pensadores, como Augusto Comte, o colocam como a única forma de conhecimento aceitável.

Uma grande decorrência do avanço do conhecimento científico é o avanço da tecnologia que impulsiona enormemente as forças produtivas. Vejam-se hoje os avanços das mais diversas tecnologias e, dentre elas, as tecnologias computacionais e em especial, agora, as denominadas de Inteligência Artificial. Tudo isso merece sérias e profundas reflexões filosóficas da parte dos profissionais da educação.

A partir dos Séculos XVIII e XIX e principalmente do XX, há um grande avanço nos meios de produção de bens gerando grande entusiasmo com a nova forma de conhecimento e com seu método de investigação.

Há um modo de pensar que defende que todas as pessoas devam ter acesso ao conhecimento científico e devam poder aplicá-lo em suas vidas. Esta é uma das ideias que **leva à proposta de escolas para todas as pessoas, desde pequenas, para que possam se apropriar não só dos conhecimentos científicos, mas de seu método e da mentalidade científica.**

A escola que temos hoje é pautada nessa concepção. A ideia de adoção de uma metodologia científica é naturalmente defendida por todos, quer no processo de formação de professores (que são levados a aprender a realizar pesquisas científicas), quer no próprio processo de escolarização de crianças e jovens no qual a ideia de realizar pesquisas soa natural.

Mas, pesquisar o que? Pesquisar a natureza, a realidade, a sociedade, os fenômenos, os fatos. Quão diferente é esta mentalidade, da mentalidade medieval!...

Cabe uma indagação: será mesmo que a ideia da importância do aprendizado da investigação tornou-se forte mesmo? Ou a ideia de transmissão de conhecimentos produzidos (já prontos) por investigadores profissionais passou a ser dominante? Algo importante de ser considerado.

Este ser humano da modernidade, aos poucos, tornou-se um ser que pensa a realidade como sendo exclusivamente (ou quase) a realidade material. O materialismo, enquanto uma posição filosófica decorre daí. Mesmo as pessoas, e são muitas, que não se julgam materialistas do ponto de vista filosófico porque afirmam crer na realidade sobrenatural e em Deus, têm, na verdade, uma vida prática centrada na materialidade: na busca dos bens materiais. Até por conta da grande luta desigual pela posse do mínimo destes bens (isso tem a ver com as consequências das ideias do Liberalismo Econômico e que hoje é conhecido como Neoliberalismo).

É forte, também, uma mentalidade naturalista que nos leva a funcionar quase como se o puro biológico fosse o lugar da plena realização do humano. Há uma nova Antropologia: o ser humano é matéria orgânica natural, parte de um mundo natural, que deve viver de acordo com as leis de funcionamento do mundo natural. Só que não fica claro que este “natural”, é um natural construído, também, pelos próprios seres humanos. Não fica claro que este natural construído, ou o cultural, é um ambiente humano “especial”, porque é a natureza humanizada. **Isso precisa ser mais analisado e discutido, inclusive na teoria educacional.**

Predomina, além disso, a visão de um ser humano centrado na Natureza (naturalismo) e centrado nos seus próprios recursos individuais (antropocentrismo individualista). Um ser centrado em si mesmo e com dificuldade de um pensamento que o envolva seriamente com os outros seres humanos numa luta comum para o bem de todos. As pessoas acabaram por aprender a ser tão centradas em si mesmas e nos pretensos próprios recursos individuais, que acabaram por se tornarem individualistas. Trata-se do resultado de uma nova forma de valorar a vida, os atos, as coisas: **uma nova Ética** surge junto com a nova Teoria do Conhecimento. O bem não é o que está no sobrenatural, ou em Deus, como se afirmava na Idade Média, mas é o que está na natureza. Mas o que está na natureza é para quem? Que bem está na Natureza? Há bens para além da natureza?

Esta é outra discussão que carrega junto a discussão a respeito da posse dos bens. Várias ideias são construídas: a ideia de propriedade privada dos bens produzidos e dos meios de produção destes bens. A ideia de competição pela posse de tais bens. A ideia de acumulação cada vez maior destes bens que leva ao centramento da vida em torno dos bens materiais, muitas vezes a qualquer custo: às vezes à custa até de violência contra o outro, sempre um concorrente. A ideia de uma sociedade na qual as pessoas não são sócios, mas competidores: isso leva à ideia de uso do Poder Político para atender a interesses particularistas de pessoas e/ou de grupos e não a necessidades comuns a todos.

Uma sociedade assim e um poder político organizado nos seus moldes não foram pensados desta forma no início da Modernidade e nem nos primeiros desenvolvimentos da nova Filosofia Política que os seres humanos procuraram pensar a partir da própria racionalidade. Se lermos Hobbes, Locke, Rousseau, Kant, Hegel, Comte, dentre tantos outros, veremos a busca da construção de uma Teoria Política que possa indicar uma Prática Política capaz de a todos acolher como participantes da boa sociedade, isto é, como verdadeiros cidadãos. Isso pode ser sentido em seus escritos e em muitos escritos de hoje.

Quando pensamos seriamente, não desejamos uma sociedade de egoístas e individualistas: até porque individualismo e egoísmo não combinam com a ideia de sociedade. Na prática, porém, o que temos tido é um tom muito forte de individualismo. A título apenas de exemplificação vejam-se estes dois pequenos textos, um de Rousseau (Século XVIII) e outro de Augusto Comte (Século XIX).

Rousseau enaltece o viver em sociedade que significou, segundo ele, a superação do “estado de natureza”, apontando suas vantagens:

Essa passagem do estado de natureza ao estado civil produz no homem uma mudança notável, substituindo na sua conduta o instinto pela justiça, e dando às suas ações a moralidade que lhe faltava outrora. É somente então que, sucedendo a voz do dever aos impulsos físicos e o direito ao apetite, o homem, que até então só olhou para si mesmo, vê-se forçado a agir segundo outros princípios e a consultar sua razão, antes de escutar suas inclinações. Embora se prive, neste estado, de muitas vantagens que tem na natureza, ganha outras tão grandes: suas faculdades se exercem e se desenvolvem, suas ideias se estendem, seus sentimentos se enobrecem, sua alma inteira se eleva a tal ponto que, se os abusos desta nova condição não o degradassem frequentemente abaixo daquela da qual saiu, deveria bendizer sem cessar o instante feliz que dela o arrancou para sempre e que, de um animal estúpido e limitado, fez um ser inteligente e um homem. (Rousseau, apud: Os filósofos através dos textos, 1997, p. 155).

Ideias parecidas podem ser observadas na fala de Comte, talvez para surpresa de alguns:

O conjunto da nova filosofia tenderá sempre a ressaltar, tanto na vida ativa quanto na vida especulativa, o laço de cada um a todos, sob quantidade de aspectos diversos, de maneira a tornar involuntariamente familiar o sentimento íntimo da solidariedade social, convenientemente estendida a todos os tempos e todos os lugares. Não somente a ativa busca do bem público será sem cessar representada como o modo mais próprio a assegurar comumente a felicidade privada, mas, por influência ao mesmo tempo mais direta e mais pura, finalmente mais eficaz, o mais completo exercício possível de inclinações generosas se tornará a principal fonte da felicidade pessoal, ainda que não devesse 10procurar excepcionalmente outra recompensa senão uma inevitável satisfação interior. (Comte, apud: Os filósofos através dos textos, 1997, p.229).

Tanto Rousseau, quanto Comte, quanto todos os demais pensadores importantes que contribuíram para a elaboração da Filosofia Política da modernidade, propuseram uma sociedade de todos e para todos. Constataram, porém, as dificuldades que isso envolveria e a presença em níveis cada vez mais altos do individualismo, como ocorre hoje. Qual seria a saída? **Um sério problema para a reflexão filosófica dos educadores.**

Para alguns pensadores a saída estaria na reforma do espírito que deve ser capaz de se deixar guiar pelas Luzes da Razão: a isto se chamou **Iluminismo** que marcou com muita força a teoria e a prática educacional, especialmente no final do Século XVIII e nos séculos seguintes, chegando até nós. Continuamos afirmando que sem a educação escolar as pessoas continuarão no atraso, caminharão para a barbárie, não terão condições de se tornarem os cidadãos que todos imaginamos como bons. Daí a importância dada à educação, como se pode perceber na obra de Kant: *Sobre a Pedagogia*, na qual ele diz: “O homem não pode tornar-se um verdadeiro homem senão pela educação. Ele é aquilo que a educação dele faz”. (KANT, 1996, p. 15). Ou como se pode perceber em texto de Hegel, ao saudar um antigo professor de escola que dirigia: “... ele (o professor) experimentou como é grande o valor da cultura em geral, tão grande que um antigo diria que a diferença entre um homem culto e um inculto é tão grande como a diferença entre o homem em geral e uma pedra”. (HEGEL, 1994, p. 23).

Poderíamos multiplicar as citações. Todas convergiriam na direção de uma educação voltada principalmente para o “espírito”, leia-se, para a racionalidade. Uma racionalidade que, por si mesma, determinaria a boa conduta, o bom funcionamento da sociedade e organizaria a vida de todas as pessoas neste mundo natural, cultivando-o, porém, “à moda da humanidade” que tem o seu modelo na própria racionalidade: a Razão parece ser, neste caso, algo mais que a pura matéria, ainda que seja algo da própria natureza. Um transcendental que não é sobrenatural, no sentido medieval.

Pergunta-se: a maneira concreta de funcionar a sociedade moderna, realizou verdadeiramente, os ideais de uma humanidade iluminada, livre de dogmatismos e de dominações?

Pode-se constatar que não. As pessoas, na sua maioria, não são livres, não são iluminadas como poderíamos desejar, são exploradas, são excluídas de tantos bens que ajudam a produzir e são manipuladas ideologicamente.

Uma filosofia surgida no coração do Século XIX propõe uma nova concepção de ser humano, de sociedade, de conhecimento, de valores morais, de poder. A esta filosofia se dá o nome de Socialismo do qual, o Materialismo Histórico e Dialético, é a expressão mais importante. Trata-se do pensamento de Karl Marx, ou Marxismo.

Esta é uma maneira de pensar que se opõe à maneira de pensar do Liberalismo e, portanto, da maneira de pensar dominante na sociedade capitalista. É uma maneira de pensar que tem tido

grande influência, inclusive em propostas educacionais. **Os educadores devem conhecer, analisar e avaliar, também essas ideias.** ’

É no embate de todas elas que se pode continuar o grande trabalho de produção das significações, das referências, dos sentidos para nossa maneira de sermos seres humanos. E, especialmente, para nossa maneira de sermos educadores das novas/futuras gerações.

O que se pode concluir a partir do que foi rapidamente apresentado?

Mesmo que não queiramos, o filosofar e as ideias daí decorrentes estiveram e estão presentes nas mentes da maioria das pessoas desde ao menos quando a humanidade desenvolveu esta maneira de pensar. Nas ideias que orientam as práticas educativas escolares isso ocorre fortemente, mesmo que pessoas envolvidas nessas práticas não tenham consciência clara desta presença. A presença de ideias de alguma tendência filosófica pode ser percebida no tocante ao que educadoras e educadores pensam sobre as finalidades de suas ações educacionais, sobre o que pensam sobre o ser humano, sobre sua concepção de realidade, sobre como concebem a natureza e as relações adequadas das pessoas com ela, sobre o que julgam ser o conhecimento e sua importância na existência do ser humano, sobre as razões para defenderem como corretas certas maneiras de agir e condenarem outras, sobre como concebem a vida social e o poder dentro dela, sobre como entendem as manifestações de sua sensibilidade e as dos outros e, obviamente, sobre como pensam deva ser uma boa educação para as novas gerações.

Ocorre que nem sempre tudo isso é analisado e avaliado reflexiva e criticamente buscando saber a que interesses estas maneiras de pensar servem, pois elas podem estar a serviço de interesses nem sempre bem intencionados.

O convite deste texto é triplo: primeiro, para que educadoras e educadores se sintam convocados para uma reflexão a respeito; segundo para que os responsáveis pelos cursos de formação inicial e continuada de formação de educadoras/educadores escolares não deixem de contemplar nos currículos desses cursos o necessário espaço da disciplina Filosofia da Educação; terceiro, para que os que se dedicam ao ensino do filosofar e da filosofia da educação nestes cursos o façam não apenas informado conteúdos já produzidos pelos esforços filosóficos ao longo da história do pensamento, mas façam também o importante esforço de ajuda para que todas/os futuras/os educadoras/educadores se desenvolvam como

peessoas filosofantes, ou seja, como pessoas que pensem reflexivamente, criticamente, metodicamente, profundamente e de maneira sempre contextualizada os problemas que a realidade educacional apresenta, buscando desta forma soluções novas (se necessário) ou levando a suas práticas soluções já existentes não apenas as repetindo mecanicamente e sim escolhidas de maneira conscientemente críticas.

Vários outros aspectos poderiam aqui ser trazidos: por exemplo, aqueles relacionados ao papel hoje, mais do que nunca, que têm em nossas vidas, as novas tecnologias, não só as da área da informática, e em especial aquelas que alimentam e sustentam as mídias digitais e as redes sociais e, hoje as designadas como inteligência artificial. Nossas crianças e jovens de hoje já estão imersos nesta realidade e necessitam de ajuda educacional competente para delas bem se servirem e para saberem evitar os males que consigo também carregam. Males esses que não são das tecnologias, mas de certos usos que certos humanos delas fazem.

Pergunta-se: nós educadores sabemos lidar com isso competentemente?

Espera-se confiantemente que o que foi aqui apresentado provoque esforços conjugados para que os resultados desejados de uma boa educação possam acontecer com ajuda da boa reflexão filosófica sobre a educação.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 1975.

_____. **Extensão ou Comunicação**. São Paulo: Paz e Terra, 1975.

_____. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GRUPO DE PROFESSORES. **Os Filósofos Através dos Textos: de Platão a Sartre: de Platão a Sartre**, São Paulo: Paulus, 1997

HEGEL, G.W. **Discursos sobre a educação**. Lisboa. Colibri, 1994

KANT, I. **Sobre a pedagogia**. São Paulo. Ed. Unimep., 1996.

LORIERI, Marcos Antônio. **Ensino de Filosofia e diversidade**. In: DANNER, Leno Francisco; DANNER, Fernando (org). **Ensino de Filosofia, Gênero e Diversidade**: Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2014.p. 30-51.

_____. **Pensando igualdade e diferenças e o ensino de filosofia**. In: Leno Francisco Danner; Fernando Danner; Julie Dorrico (Org.) Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2017, p. 93-113.

_____. **Ética no Ensino de Filosofia: contribuições para a formação do jovem. In: Ensinar Filosofia e a filosofar: necessidade urgente**. Rio de Janeiro: NEFI, 2023. P. 99-109) (Acesso livre em <http://filoeduc.org/nefiedicoes>).

RIOS, Terezinha Azeredo; LORIERI, Marcos Antônio. **Filosofia na Escola: o prazer da reflexão** Editora Moderna, 2008.

ROUSSEAU, J-J. **Emílio, ou Da educação**. São Paulo. Martins Fontes, 1995.